

A hora da verdade

A diferença de quem faz a economia andar

É importante quando nossa percepção do ambiente macro encontra eco nos atores aos quais nos referimos. E nesse contexto, acreditamos que será por aí que o entrave político-econômico poderá ter chance de solução, pois se o governo não consegue fazer andar sua pauta no Congresso, se os políticos não conseguem fazer andar a pauta do governo no Congresso, então cabe ao empresariado brasileiro fazer essa pautar andar no Congresso.

Me refiro ao nosso relatório ...

“Virando a própria mesa - Como propulsores do crescimento, é hora do empresariado se mobilizar”, de 16/10, quando fiz referência no encerramento do texto a...

“Se o lado político não se acerta e nos deixa com poucas esperanças, o lado empresário precisa fazer valer a força que gera emprego, crescimento e arrecadação.”

Já passou da hora da reunião do Conselho para trocar o CEO.”

Ou seja, não há atividade econômica sem o risco adequado do investimento, onde o empresário baseia-se pela Oferta e Procura e um Poder Executivo, Legislativo e Judiciário parceiro (guardados os entraves aceitáveis) no desenvolvimento econômico. O momento não permite aos empresários aceitar os atuais entraves, pois não são os “aceitáveis” aos quais me referi e que vertiginosamente estão levando a economia nacional “dos sólidos fundamentos” do passado recente ao vergonhoso emaranhado que a Operação Lava-Jato envolveu muitos parlamentares.

Durante evento *CEO Summit* realizado em 22/10 em São Paulo, organizado pela Endeavor, organização sem fins lucrativos de fomento ao empreendedorismo, a consultoria EY e o Sebrae, ouvimos de Jorge Gerdau, presidente do Conselho de Administração da Gerdau, e Pedro Passos, sócio-fundador da Natura ...

“A falta de liderança é a pior dimensão da crise atual e enfrenta-la exige maior mobilização da sociedade civil – do empresariado, principalmente – que, contudo se omite.”

Disse mais ...

“Vocês acham que vem algo do Congresso se deixarmos correr solto?”, questionou Gerdau, defendendo uma atuação mais incisiva do empresariado para pressionar o Governo. “Hoje, não estamos atendendo as nossas responsabilidades sociais e políticas.”

Para Gerdau, a solução para a crise é “tecnicamente evidente”, mas travada por um impasse político, referindo-se à lentidão com a qual o ajuste fiscal proposto pelo governo federal caminha no Congresso. Já Pedro Passos criticou o governo por ter apenas estendido e repetido a plataforma criada pelo ex-presidente Lula, centrada em políticas sociais, sem definir o próximo passo do Brasil.

Apesar dos erros, Pedro Passos se diz otimista com o fortalecimento de uma agenda “de tom mais liberal” – um Estado menor, menos intervencionista e mais eficiente.

Cláudia Sender, presidente-executiva da TAM, reconhece que ... “o momento é difícil, mas a crise também oferece oportunidades para quem saiba priorizar investimentos e inovar.”

Ricardo Tadeu Martins

Economista

rmartins@planner.com.br

+55 11 2172-2605

Cristiano de Barros Caris

ccaris@plannercorretora.com.br

+55 11 2172-2564

Já Flávio Rocha, presidente-executivo da Riachuelo, destaca que ... “se nos dimensionarmos para a crise, corremos o risco de não estarmos preparados para a bonança que inevitavelmente virá depois.”

Infelizmente sabemos que “inevitavelmente” essa “bonança” virá com um custo alto.

Em setembro o mercado de trabalho brasileiro fechou 95,6 mil postos de trabalho, de acordo com o Caged, quando em setembro de 2014 foram criados 123,8 mil postos, destacando-se que nunca havia sido registrado fechamento de vagas no mês de setembro desde a série histórica iniciada em 1999. Os serviços registraram o maior saldo negativo em setembro com 33,5 mil postos, construção civil com 28,2 mil e indústria de transformação 10,9 mil. No ano foram fechados 657,8 mil postos.

Já a taxa de desemprego se manteve em 7,6% em setembro, mesmo resultado registrado em agosto, de acordo com dados do IBGE. O levantamento trouxe ainda que o rendimento médio real habitual dos trabalhadores ficou em R\$ 2.179,80, queda de 0,8% em relação a agosto e queda de 4,3% em relação a setembro de 2014. A massa de rendimento real habitual da população ocupada (22,7 milhões) correspondeu a R\$ 50,1 bilhões, valor 0,6% inferior que o total observado em agosto, e 6,1% menor que o verificado em setembro de 2014.

Nesse ambiente não poderia ser diferente assistir a uma queda real de 4,12% na arrecadação federal em setembro, quando atingiu R\$ 95,2 bilhões, conforme divulgação da Receita Federal. No ano a arrecadação atingiu R\$ 901,1 bilhões, uma queda real de 3,72% sobre igual período de 2014. Destaque para o Imposto de Renda Pessoa Jurídica (IRPJ), onde a arrecadação foi de R\$ 6,5 bilhões, representando uma queda real de 12,2% ante setembro de 2014 (12,3% no ano), e a Contribuição Social sobre Lucro Líquido (CSLL), cuja arrecadação atingiu R\$ 3,4 bilhões, mas uma queda real de 21,7% (12,7% no ano).

Isso acaba gerando maior expectativa de como o governo fechará suas contas em 2015, já que houve nova “frustração arrecadatória” com o resultado de setembro. Já se fala em estimativa de déficit primário entre R\$ 70 e 75 bilhões para 2015, dadas as indicações de que o TCU não autorizará o parcelamento de “pedaladas”. Isso quer dizer que o “inacreditável” superávit primário de 0,15% do PIB será o “realista” déficit primário de 1,2% do PIB.

Enquanto isso, com esse ambiente, com esse cenário, o Banco Central (BC) conta com esse ambiente e esse cenário para tentar trazer a inflação para o centro da meta, ou seja, a desaceleração mais forte do que a esperada do mercado de trabalho, que até 2014 vinha mostrando certa resistência à desaceleração da economia. Ainda há o câmbio, que pressiona a inflação no curto prazo, enquanto que a recessão e o desemprego afetam preços num prazo mais longo. Além disso, para o BC a crise fiscal pressionou os juros futuros, que passaram em termos reais de 7,4% para 8,5% entre julho e outubro, onde embora representem maior prêmio de risco inflacionário, mostram também condições financeiras mais apertadas que militam para baixar a inflação daqui por diante.

Agora, tudo isso, para comunicar em sua última reunião que o caminho é ... “a convergência da inflação para a meta no horizonte relevante da política monetária” ... e não mais ... “a convergência da inflação para a meta no fim de 2016”. Ou seja, 2017.

Então senhores empresários, como grandes empregadores, arrecadadores e *experts* em cada um dos seus negócios, está mais do que na hora de colocar “ordem na casa”, pois parece que o único medo que o Planalto tem é da “voz dos empresários”, pois a “voz do povo” ainda não ecoou na dimensão de assustar, mesmo com as demissões e taxa de desemprego atual.

Nada muda.

A vergonhosa “negociata” da manutenção de poderes continuará.

Os novos números da economia nos aproximam rapidamente do segundo rebaixamento.

Ambiente possibilitando volatilidade suficiente para realizar negócios independente de tendência.

Prêmios das taxas de juros muito atraentes.

Bolsa muito atrativa para investidor; não para especulador.

Dólar pressionado.

Estimativas de mercado para os principais indicadores da economia brasileira

	2012	2013	2014	2015e	2016e
IPCA (%)	5,84%	5,91%	6,41%	9,75%	6,12%
IGP-DI (%)	8,11%	5,52%	3,78%	9,46%	5,89%
IGP-M (%)	7,82%	5,51%	3,69%	9,33%	5,96%
Taxa de câmbio - fim de período (R\$/US\$)	2,04	2,34	2,65	4,00	4,13
Taxa de câmbio - média de período (R\$/US\$)	1,95	2,16	2,35	3,41	4,03
Meta Taxa Selic - fim de período (a/a)	7,25%	10,00%	11,75%	14,25%	12,75%
Meta Taxa Selic - média de período (a/a)	8,52%	8,29%	11,65%	13,63%	13,83%
PIB (% de crescimento)	0,87%	2,30%	0,10%	-3,00%	-1,22%

Fonte: IBGE, FGV e BCB. Expectativas Focus-BCB.

EQUIPE

Mario Roberto Mariante, CNPI
mmariante@plannercorretora.com.br

Cristiano de Barros Caris
ccaris@plannercorretora.com.br

Luiz Francisco Caetano, CNPI
lcaetano@plannercorretora.com.br

Victor Luiz de Figueiredo Martins, CNPI
vmartins@plannercorretora.com.br

Ricardo Tadeu Martins, CNPI*
rmartins@planner.com.br

DISCLAIMER

Este relatório foi preparado pela Planner Corretora e está sendo fornecido exclusivamente com o objetivo de informar. As informações, opiniões, estimativas e projeções referem-se à data presente e estão sujeitas à mudanças como resultado de alterações nas condições de mercado, sem aviso prévio. As informações utilizadas neste relatório foram obtidas das companhias analisadas e de fontes públicas, que acreditamos confiáveis e de boa fé. Contudo, não foram independentemente conferidas e nenhuma garantia, expressa ou implícita, é dada sobre sua exatidão. Nenhuma parte deste relatório pode ser copiada ou redistribuída sem prévio consentimento da Planner Corretora de Valores.

(*) Conforme o artigo 16, parágrafo único, da ICVM 483, declaro ser inteiramente responsável pelas informações e afirmações contidas neste relatório de análise.

Declaração do(s) analista(s) de valores mobiliários (de investimento), nos termos do art. 17 da ICVM 483

O(s) analista(s) de valores mobiliários (de investimento) envolvido(s) na elaboração deste relatório declara(m) que as recomendações contidas neste refletem exclusivamente sua(s) opinião(ões) pessoal(is) sobre a companhia e seus valores mobiliários e foram elaboradas de forma independente e autônoma, inclusive em relação à Planner Corretora e demais empresas do Grupo.

Declaração do empregador do analista, nos termos do art. 18 da ICVM 483

A Planner Corretora e demais empresas do Grupo declaram que podem ser remuneradas por serviços prestados à(s) companhia(s) analisada(s) neste relatório.

Fontes deste relatório: Jornais Valor Econômico, Estadão, Folha, O Globo; IBGE, FGV e BCB. Expectativas Focus-BCB